
Jornalismo Científico e Linguagem
Acessível: Um Relato de Experiência sobre o Trabalho "A História Não Contada
de vidas apagadas"¹

Ana Beatriz do Nascimento Vieira²
Marcus Fernando Fiori³
Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior⁴
Universidade Federal de Rondônia - Unir

Resumo

Este trabalho trata do relato de experiência da elaboração de uma grande reportagem intitulada "A história não contada de vidas apagadas", dando conta de que a história oficial de Porto Velho esconde ou apaga personagens que tiveram papel ativo na construção da então pequena Vila de Santo Antônio que, mais tarde, viria a se constituir capital do estado de Rondônia. O trabalho jornalístico foi elaborado para a revista-laboratório Iaras, publicação anual do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, e constatou a necessidade da construção do diálogo entre Ciência e Jornalismo, fato mais facilmente constatável nas universidades periféricas da Amazônia. A reportagem busca comunicar, em uma linguagem clara e acessível, os resultados do trabalho de pesquisa realizado na área da arqueologia histórica.

Palavras-chave Jornalismo científico; Arqueologia histórica; Vila Candelária; Memória social; Amazônia brasileira.

Introdução

Este trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo trazer reflexões acerca do processo de produção da reportagem "A história não contada de vidas apagadas", que relata sobre o projeto "*Arqueologia Histórica*

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação;

² Estudante do quinto período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia. membro do grupo de pesquisa BARRAS - Bloco de Ações em Rádio, Rap e Ausências Sonoras, certificado pelo CNPQ. E-mail: anabeatrizdonascimentovieira1@gmail.com

³ Orientador da reportagem jornalística. Mestre pela Universidade Federal de Rondônia (Unir). Professor do curso de Jornalismo e vice-chefe do Departamento Acadêmico de Comunicação. Membro do grupo de pesquisa BARRAS - Bloco de Ações em Rádio, Rap e Ausências Sonoras. E-mail: marcus.fiori@unir.br

⁴ Orientador científico do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Coimbra. Chefe do Departamento Acadêmico de Comunicação e líder do grupo de extensão e pesquisa BARRAS. E-mail: carlos.guerra@unir.br

em Porto Velho, RO: Coisas, Pessoas, Conflitos, Apagamentos e Resistências”, que tem como objetivo resgatar as histórias de grupos silenciados na historiografia oficial do município, como os indígenas, operários, migrantes e crianças.

Trata-se de uma grande reportagem elaborada para a revista-laboratório *laras*, publicação acadêmica anual ligada ao Departamento Acadêmico de Comunicação – Curso de Jornalismo – da Universidade Federal de Rondônia (Unir). A *laras* é uma revista temática e, no primeiro semestre de 2025, elegeu como tema a “Ciência”. Nesta perspectiva, os discentes propuseram pautas ligadas à produção científica na própria Unir, tendo como objeto os trabalhos científicos desenvolvidos por pesquisadores e grupos de pesquisas da instituição.

A produção de uma revista com o tema “Ciência” teve como objetivo trazer reflexões sobre o papel do jornalismo como facilitador do acesso aos trabalhos científicos, aliando a linguagem acessível com uma investigação aprofundada. Assim, os estudantes não tiveram apenas acesso aos resultados para realizar uma divulgação científica, mas foi necessário também imergir nas próprias pesquisas, visando laboratórios, espaços onde foram realizadas a pesquisa *in loco* e consultando relatórios, a fim de personificar as experiências criando reportagens que relatam como cada pesquisa foi realizada.

“A história não contada de vidas apagadas” é o título de uma grande reportagem elaborada pela autora 1 do presente trabalho. O marco zero da produção foi a reunião de pauta realizada em sala de aula, ocasião em que se propôs fazer uma investigação jornalística sobre um trabalho de pesquisa que está sendo desenvolvido por um grupo de extensão do Departamento de Arqueologia da Unir. Liderado pela professora doutora Juliana Rossato, o grupo de extensão “Arqueologia em Ação” fez constatações que podem mudar a compreensão acerca das origens da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia.

Através das reflexões teóricas, pode-se perceber as aproximações entre o jornalismo científico tratado por Fabíola de Oliveira, com o jornalismo lento de Erik Neveu (2006). Aliado a isso, trata-se de um conteúdo inédito dentro do curso de Jornalismo no campus de Porto Velho da Universidade Federal de Rondônia, curso esse que existe há cinco anos.

Este relatório inicia apresentando a Revista *laras*. Em seguida, é apresentada a pesquisa que foi abordada na reportagem, a fim de contextualizar sobre o produto. Na sequência, há uma reflexão sobre o produto jornalístico construído. Por fim, é relatada a experiência adquirida neste trabalho.

Revista *laras*

A Revista Iaras é uma publicação temática anual produzida concomitante pelas disciplinas de Laboratório de Jornalismo Impresso, Design Gráfico Editorial e Fotojornalismo II do Departamento Acadêmico de Comunicação (Dacom) da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Ela foi criada em 2022 e, desde então, passou a ter publicações anuais, chegando a sua quarta edição em 2025.

A revista tem caráter temático, tendo abordado o tema cultura nas duas primeiras edições; o tema meio ambiente na terceira edição e a ciência na divulgação mais recente, feita em 2025, e que gerou este relato de experiência.

O nome 'Iaras' é inspirado na lenda da sereia "Iara" que habita as águas amazônicas e encanta os homens. A revista tem o propósito de promover a identidade da Amazônia, onde está localizado o estado de Rondônia, e divulgar a diversidade cultural e científica existente na região, além de promover a consciência ambiental.

A revista Iaras também tem o objetivo de desvendar curiosidades e dar voz às narrativas menos exploradas no jornalismo convencional. A Iaras busca promover a valorização e representatividade científica e cultural das diversas facetas da região amazônica e além, mostrando um diálogo entre a preservação de bens culturais locais e os aspectos cosmopolitas de Rondônia.

Em Design Gráfico Editorial é decidido a identidade visual e a diagramação da revista e é empregado um formato que traz harmonia para todas as páginas, explorando elementos gráficos visuais e mantendo uma disposição equilibrada dos títulos, a partir das orientações técnicas trazidas por Timothy Samara (2011).

Na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, lecionada pelo autor 2 deste relato de experiência, foram empregadas todas as etapas do processo jornalístico, desde a checagem de informações até a produção final das reportagens, fazendo uso das orientações sobre a produção textual de Oswaldo Coimbra (1993) e Sérgio Vilas Boas (1996).

A produção das informações inclui técnicas detalhadas de verificação de fatos, em que foram utilizadas as diretrizes orientadas por Gilberto Dimesntein & Ricardo Kotscho (1990), que trabalham as estratégias de obtenção de dados e informações. A produção de pautas e a aplicação de métodos de pesquisa de campo, de como realizar a abordagem de personagens, tiveram forte influência de Thais Oyama (2011), que fornece as técnicas de captação e edição em Jornalismo, apresentando métodos consagrados de entrevistas, tais como a estruturada, a semiestruturada, a não estruturada, a dialogal e a de confronto.

Além disso, os estudantes foram orientados pelo autor 2 deste relato sobre como redigir as reportagens jornalísticas para a revista. Tais orientações tiveram como base uma aplicação do trabalho de Marília Scalzo (2011), que fornece a concepção de que a revista se compreende como um mosaico de formatos jornalísticos em torno de um tema específico.

Na fotografia, foram explorados diversos formatos, ângulos e técnicas estudados na disciplina de fotojornalismo I e II, para que fosse possível expressar narrativas por meio das imagens. Por exemplo, optou-se por ângulos fechados para destacar personagens ou detalhes específicos, enquanto ângulos amplos foram escolhidos para enfatizar paisagens ou retratar o ambiente como um todo.

Nesse processo de captação das fotos, são utilizados os princípios de Etienne Samain (1998), onde os alunos deverão compreender a fotografia além da técnica, e sim, como uma construção simbólica, a partir dos seus valores, por meio do registro da realidade.

Pesquisa

A pesquisa que foi abordada na reportagem *“Arqueologia Histórica em Porto Velho, RO: Coisas, Pessoas, Conflitos, Apagamentos e Resistências”*, coordenada pela professora-doutora Juliana Rossato, foi realizada nas ruínas do antigo Hospital da Vila Candelária, localizada na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia.

A investigação, através da escavação, e o catalogamento, buscam compreender os processos de ocupação do espaço desde o início da colonização, nos primórdios do século XX. O estudo foi dividido em cinco etapas: uma em 2019, três em 2023 e uma em 2024, o objeto de análise abrange o sítio arqueológico Candelária/Vila, que compreende o Hospital, o cemitério da Candelária e seu entorno.

Na primeira etapa, realizada em 2019, foram feitas prospecções de superfície e registros fotográficos de toda a área do hospital e do cemitério, com identificação de estruturas como diferentes tipos de tijolos. Já em 2023, os trabalhos se concentraram nas estruturas remanescentes do hospital. Em 2024, foi iniciada a escavação na área identificada como uma antiga aldeia indígena.

O Sítio Candelária está localizado ao longo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). A metodologia adotada pelo grupo de pesquisa permitiu a aplicação da arqueologia estratificada, possibilitando a identificação de vestígios pertencentes a diferentes períodos históricos.

O local foi inicialmente habitado por grupos indígenas, possivelmente Karipuna ou Moura, ainda sem datação precisa. A segunda ocupação corresponde às tentativas fracassadas de construção da EFMM marcadas por um alto número de mortes entre os operários.

Para conter essas perdas, em 1907 foram iniciadas as instalações do antigo Hospital da Vila Candelária, voltado ao atendimento de operários acometidos por doenças tropicais. A estrutura era composta por edificações de madeira e palha, totalizando 29 instalações, entre enfermarias, moradias de operários, curral, horta e espaços de recreação.

Com o tempo, foi implantado também o cemitério, devido à grande quantidade de mortes dos operários. Após a conclusão da ferrovia, o hospital passou a atender além dos trabalhadores, recebendo investimentos do Estado para sua manutenção. No entanto, em 1930, o Hospital da Candelária foi desativado após a criação do Hospital São José, para onde foram direcionados os recursos públicos.

Desde então, o espaço permaneceu desocupado por um período, até a década de 1960, quando o espólio da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) foi transferido para o Ministério da Defesa. Nesse contexto, o Exército demoliu toda a estrutura do hospital que ainda restava no local.

Posteriormente, parte da área do antigo hospital foi ocupada pelo Educandário Belizário Pena, instituição destinada a abrigar crianças separadas de suas famílias devido ao diagnóstico de hanseníase dos pais.

Essa política de estado resultava em adoções forçadas dessas crianças. Embora não existam registros oficiais detalhados sobre o funcionamento do educandário, vestígios materiais como tênis infantis, roupas e brinquedos foram encontrados durante as escavações, comprovando sua presença no local.

Com base nas análises arqueológicas, foram identificados e realizado o mapeamento de espécies vegetais na área situada entre o hospital e o cemitério, local da primeira ocupação, possivelmente de uma antiga aldeia indígena. Muitas dessas plantas estão associadas à cura e à proteção espiritual, com destaque para sementes e fragmentos de carvão.

O produto

A escolha da pauta partiu do interesse por pesquisas que contassem a história do estado de Rondônia. Por meio de conversas com os discentes em sala de aula, foi decidido trabalhar sobre um estudo recém-concluído.

A partir de um levantamento de informações e da análise de reportagens em portais jornalísticos do estado de Rondônia, optou-se por focar no projeto de pesquisa realizado pelo curso de Arqueologia da Unir.

Utilizamos a metodologia qualitativa, com ênfase na abordagem de entrevista interpretativa, com o objetivo de compreender a perspectiva e a experiência de quem participou diretamente da pesquisa. Nesse sentido, as perguntas foram caracterizadas como abertas, permitindo que os entrevistados expressassem seus sentimentos e vivências durante o trabalho de campo. Conforme compreende Medina (1986), que propõe essa abordagem dialogal, no qual o entrevistado e entrevistador estabelece uma conversação em busca de construir novos conhecimentos.

Com a facilidade de estarmos ambientados na mesma instituição de ensino superior, a apuração e as entrevistas foram realizadas *in loco*, com visitas ao Departamento de Arqueologia da Unir. Foram feitas entrevistas com duas integrantes da pesquisa: a primeira com a professora doutora Juliana Rossato com o objetivo de conhecer a trajetória do projeto e compreender as etapas da pesquisa realizadas pelos acadêmicos e pesquisadores da área.

A segunda entrevista foi realizada com a acadêmica Susinara Belon, que relatou suas experiências em escavações de campo e como isso moldou sua bagagem acadêmica até a sua formação. Os relatos foram registrados e armazenados integralmente em áudio, garantindo a fidelidade das informações.

Utilizamos também o levantamento de campo como metodologia, o que possibilitou a interpretação dos resultados a partir da leitura e análise do relatório “*Arqueologia Histórica (Candelária) IPHAN 2024*”, além de permitir a compreensão *in loco* do contexto do objeto estudado.

Visitamos a Vila Candelária, objeto central do estudo, para realizar registros fotográficos das ruínas das estruturas analisadas. A produção da reportagem foi desenvolvida ao longo das aulas, com etapas de escrita e revisão orientadas pelos docentes.



Utensílio de cozinha encontrado nas escavações na área do antigo Hospital da Vila Candelária. - Créditos: Lara Livia



Ruínas da estrutura, possivelmente das paredes do Belizário Penha, localizado no sítio arqueológico. - Créditos: Giovania Silva

Foram trabalhados aspectos como a edição das imagens para transmitir o ambiente e o impacto do trabalho de campo, a organização textual e o design gráfico da publicação, com atenção à acessibilidade visual e à escolha do formato em revista.

Relato de experiência

Durante o processo de produção da grande reportagem, a autora 1 compreendeu na prática a importância de cada etapa envolvida na finalização de um produto jornalístico. Desde a elaboração da pauta até as entrevistas, foi

possível perceber que cada escolha no processo interfere diretamente na clareza da narrativa.

Mesmo sendo uma reportagem com caráter acadêmico, a condução da história deve respeitar os princípios do jornalismo, aproximando e sendo um facilitador do leitor para compreender temas científicos por meio de uma linguagem acessível e de uma estrutura bem definida.

A etapa da apuração foi um dos pilares do processo, por meio dela, foi possível relacionar os resultados da pesquisa à condução da história. Entrevistar personagens reais exigiu escuta atenta, foi necessário pensar, com antecedência, em quais perguntas seriam essenciais para extrair das fontes informações relevantes à proposta do conteúdo.

Mais do que registrar fatos, a entrevista, neste contexto, envolveu compreender a vivência das pessoas, conectando seus relatos com os objetivos do projeto de divulgação.

No campo do design, a autora 1 teve um aprendizado significativo sobre a importância de planejar a composição visual do conteúdo. Pôde-se aplicar técnicas que comprovam a concepção de que pensar na estrutura do texto dentro da proposta gráfica da revista não é apenas uma questão estética, mas também funcional. Assim, é preciso considerar aspectos de hierarquia visual, harmonia de cores, composição dos elementos e, principalmente, acessibilidade. A escolha de fontes legíveis e sem serifa, contrastes adequados e organização das colunas de texto visa garantir que o conteúdo possa ser compreendido por diferentes públicos, respeitando princípios de inclusão e de leitura.

A fotografia também se mostrou um elemento crucial para a narrativa da reportagem. Mais do que ilustrar, ela carrega a responsabilidade de traduzir visualmente a essência daquilo que está sendo contado.

Entender e captar essa essência exigiu sensibilidade e atenção à composição fotográfica, incluindo elementos como equilíbrio, formas, foco e profundidade. A imagem dialoga com o texto e, por isso, deve estar alinhada ao tom da narrativa, reforçando emoções e contextos descritos.

A partir dessa experiência, foi possível, para a autora 1, entender a importância de cada elemento na construção de uma grande reportagem. Texto, apuração, entrevista, design e fotografia não são partes isoladas, mas mecanismos que, quando bem articulados, tornam possível levar ao público conteúdos científicos de forma acessível.

A vivência proporcionou, para a autora 1, não apenas um aprimoramento técnico, mas também um olhar mais atento sobre o papel do jornalismo

científico. No entanto, durante o desenvolvimento da reportagem, houveram desafios em relação ao deslocamento e a conciliação de horários. Foi necessário adaptar a agenda à disponibilidade dos entrevistados e à localização escolhida para os encontros, especialmente o Departamento de Arqueologia da Unir.

Considerações finais

A prática dessa grande reportagem, ainda que em nível acadêmico, demonstrou o elo existente entre jornalismo e ciência, bem como a interdependência entre esses dois campos do conhecimento humano. A ciência necessita dos canais de comunicação não só para divulgar seus avanços, mas também para informar ao público sobre novas descobertas e novos sentidos históricos e existenciais.

No caso da grande reportagem em análise, o jornalismo, por seu lado, encontra na ciência uma grande aliada para trazer à luz fatos que, embora de importância profunda, encontram-se superficialmente escondidos, necessitando apenas do olhar crítico da ciência para submergir e, em muitos casos, mudar a compreensão tida como verdadeira acerca de determinados eventos ou fenômenos.

A grande reportagem “A história não contada de vidas apagadas” demonstrou que a história da capital rondoniense, Porto Velho, pode não ter sido exatamente como relatada oficialmente até os dias atuais e aceita como verdadeira por todos. Mostra também que parte considerável dos personagens dessa história foi apagada da narrativa oficial sobre a formação do estado, seja por falta de registros ou políticas públicas que colaboram com esses apagamentos.

Nesse sentido, a grande reportagem vem com o intuito de não apenas evidenciar as escavação de memórias esquecidas, mas reafirmar o compromisso do jornalismo científico. Ao divulgar de maneira acessível os resultados da pesquisa, permite tornar visíveis a existência de povos historicamente marginalizados, promovendo questionamento sobre a invisibilização de sujeitos que marcaram, e ainda marcam, os registros históricos do estado de Rondônia.

Referências

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.

- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2007.
- OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial: princípios e práticas para a criação de layouts inspiradores**. São Paulo: Bookman, 2011.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- UNIR. **Arqueologia histórica em Porto Velho, RO: coisas, pessoas, conflitos, apagamentos e resistências**. Porto Velho: IPHAN, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Ycf_WA-nlXcqE5HD8gxEAz-kD8OISWGZ/view?usp=sharing. Acesso em: 14 jun. 2025.
- VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.